

Crianças refugiadas: crianças em alto risco?*

*Ethel Kosminsky***

Introdução

Eu uso o conceito de crianças em risco para descrever as crianças brasileiras sem teto, que tiveram que fugir de seus lares devido a abusos parentais ou falta de comida em casa. Essas crianças viviam tipicamente com suas mães, que passavam muitas horas fora de suas casas trabalhando como empregadas domésticas. Como suas mães estavam ausentes por longos períodos de tempo, as crianças iam para as ruas pedir esmolas, cometer pequenos furtos e, ocasionalmente, inalar cola de sapateiro.

Depois de dormirem nas ruas, suas conexões com suas mães eventualmente se rompem. Meninas que vivem nas ruas são mais prováveis de se tornarem vítimas de abuso sexual. A polícia e adultos predadores geralmente tiram vantagem de meninas e meninos¹.

Faltam para essas crianças alimentação, vestimenta e educação adequadas. Elas não possuem o direito de brincar. Elas crescem sem uma família e um lar. Elas não possuem um adulto com quem possam construir uma conexão baseada em confiança e afeição.

Que tipo de futuro podem ter essas crianças? Elas podem repetir continuamente o ciclo de violência e pobreza, terminarem em uma prisão e morrerem jovens devido a doenças e drogas. Elas carregam consigo um estresse emocional que é muito difícil de superar. Algumas vezes, esse trauma pode levar meninas adolescentes a cometerem suicídio.

Milhares de crianças brasileiras em contextos urbanos enfrentam essa situação lastimável, mas há atualmente milhões de crianças em todo o mundo que enfrentam uma vida ainda mais desesperadora. A elas, eu me refiro às crianças que estão em alto risco em países de guerra, como a Síria, e em países liderados por governos autoritários, como a Eritreia. Crianças deslocadas da Síria, Afeganistão e Irã vivem em cidades de tendas no Líbano, Jordânia e Turquia. Como o Líbano não permite a construção de extensos campos de refugiados como há na Jordânia e na Turquia, famílias sírias pobres constroem tendas ao acaso. Algumas crianças sírias vivem como deslocadas internas em seus próprios países. Outras viajam para a Europa de barco ou a pé, com a esperança de chegarem a Alemanha, Suécia, ou talvez a França ou a Grã-Bretanha. Milhares de crianças já vivem em países europeus, principalmente na Alemanha.

* Tradução do original em inglês: *Patrícia Nabuco Martuscelli*. Revisão Técnica: *José Carlos Pereira*.

** *Socióloga independente*.

No hemisfério ocidental, crianças estão fugindo da violência na Guatemala, Honduras e El Salvador, apenas para terem como destino último as prisões estadunidenses. Outras permanecem em centros para refugiados no México esperando a aprovação dos Estados Unidos da América (EUA) para se reunirem com seus pais que são cidadãos regulares nos EUA.

Um artigo recente do jornal *The New York Times* ressalta que aproximadamente “60 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a deixarem suas casas por causa de guerras e perseguição – mais do que em qualquer momento durante a Segunda Guerra Mundial. Metade delas são crianças... esses 30 milhões de meninos e meninas são de todo o mundo – Afeganistão, Iraque, Eritreia, Líbia, Nigéria, Honduras, El Salvador, Mianmar, Bangladesh”². Outras foram levadas a saírem de suas casas por desastres naturais tais como terremotos que devastaram o Haiti ou por pobreza e cólera. Crianças têm sido pressionadas pelo poder colonial israelense, tais como as crianças palestinas que vivem em campos de refugiados lotados na Banda Ocidental.

Crianças não possuem escolha, elas têm que seguir os adultos, sejam esses seus pais, outros parentes ou não. As crianças, que fogem de guerras e perseguições, poderiam ser resilientes? Elas poderiam agir como agentes sociais? Crianças sob essas circunstâncias são muito vulneráveis, e seria muito difícil para elas agirem como agentes sociais. De acordo com o já citado artigo do *The New York Times*:

Grande parte da pesquisa sugere que crianças que se deparam com traumas repetidos ou constantes e estresse esmagador são mais propícias a sofrerem resultados que variam desde depressão debilitante e síndrome do estresse pós-traumático (PTSD) até doenças do coração e diabetes. Ainda que essas crianças possam fornecer um pouco de esperança para suas cidades arruinadas e famílias despedaçadas, elas não sairão ilesas dessa situação (SILVERSTEIN: 2015, pp-44-47).

Baseado em relatórios do *The New York Times*, do MIP (*Migration Policy Institute*) e do CMS (*Centro for Migration Studies*), eu tentarei descrever e explicar a situação dessas crianças em situação traumática. De acordo com o *Migration Update*³(2015), guerras causam a ruptura da vida familiar. Famílias não são capazes nem de prover nem de proteger seus membros. Quando um pai é morto, a mãe tem que prover para seus filhos e para ela. Algumas vezes a situação se torna tão perigosa devido a bombardeios que mães têm que tomar uma decisão.

Monsenhor Samir Nassar, Arcebispo Maronita de Damasco, escreve sobre a miséria em curso entre os pobres e deslocados pelo fato de que a Síria entra em seu quinto ano de guerra civil. Ele escreve que a guerra

prejudicou e enfraqueceu a família síria, que não é mais capaz de salvar e proteger os seus membros. Por exemplo, para fugir da violência em sua vila, uma mãe foi forçada a abandonar dois de seus quatro filhos para garantir que os outros teriam uma chance de sobreviver. Enquanto ondas de refugiados continuam a fugir e famílias sofrem tragédias, o Arcebispo Nassar aponta para a “indiferença da sociedade internacional...” (Center for Migration Studies: 2015, pp.1-2)

A terrível jornada

Como eu não posso escrever sobre todos os países que os refugiados têm que cruzar, eu escolhi a Hungria como um exemplo de um país ex-comunista do Leste europeu, cujo governo de direita é extremamente nacionalista. O governo húngaro construiu uma cerca de arame farpado para impedir que os refugiados entrem em seu país em seu percurso para a Alemanha, Áustria e Suécia. No dia 1º de setembro de 2015, um grupo de famílias refugiadas sírias se aproximou da fronteira húngara, esperando cruzá-la pela Sérvia.

O grupo de refugiados se manteve firme, suas silhuetas jogadas em relevo duro acentuadas pelo holofote de um carro da polícia húngara. Policiais uniformizados olhavam para eles por trás da cerca de arame farpado que separa a Hungria da Sérvia. Momentos antes, os oficiais tinham descoberto os imigrantes, um grupo irregular de homens, mulheres e crianças da província síria oriental de Deir al-Zour, tentando atravessar correndo a fronteira com a Hungria na noite de 30 de agosto. Eles faziam parte de uma onda de imigrantes que tentava atravessar para a Hungria no final deste verão.

“Família! Crianças!”, gritou um dos homens em inglês para a polícia, antes de virar para os seus companheiros e dizer:” Tudo bem pessoal, todos juntos agora, dizendo ‘por favor’. Talvez eles nos aceitarão se nós não dissermos mais nada. Apenas ‘por favor’.”

“Por favor, por favor, por favor”, exclamou o grupo em uníssono. Então silêncio. Mais uma vez, o grupo entrou na vala em frente ao arame farpado. Uma mulher em um casaco cor de palha e carregando um bebê de 18 meses de idade liderou o caminho. Ela estava a apenas algumas polegadas de um dos policiais quando ele vaporizou algo no grupo. Uma névoa fina na luz brilhou acima da cabeça da mulher. Por um momento, apenas o grito da criança podia ser ouvido antes que a cena se transformasse em caos.

Aqueles na vala retornavam para o lado sérvio, gritando de dor aparente à medida em que tossiam e asfixiavam. Os outros se reuniram em torno deles, apressando-se para lavar suas peles com Coca-Cola enquanto gritavam insultos contra a polícia.

“Me mate, me mate, agora” gritou um homem.

“Meu amor não pode abrir seus olhos”, dizia a mãe de casaco para seu filho, o tom de sua voz modulado por uma mistura de conversa com o bebê e raiva.

“Ele fez um gesto para que eu fosse antes que ele tivesse jogado spray em mim e em meu bebê, o desprezível”, ela continuou.

Os oficiais húngaros permaneceram calados. Alguns minutos depois, eles entraram em seus carros e foram embora.

Os sírios assistiram eles desaparecerem. Eles então deram meia-volta e se arrastaram de volta para a escuridão das copas dos bosques atrás deles⁴ (NAHIB: 2015, p.3) .

Crianças podem se machucar enquanto atravessam a cerca de arame farpado na fronteira com a Hungria. Esse foi o caso do menino Zain Al-Abideen.

Tinha sido uma noite estressante para Ahmad Majid e sua família. Depois de evitar a polícia da fronteira no limite entre a Sérvia e a Hungria, movendo-se através de longas extensões de terreno difícil com crianças e familiares idosos, e transpassando a cerca de arame farpado relativamente ilesos, os Majis finalmente estavam na Hungria. Escondendo-se em um bosque perto de uma pequena fazenda a cerca de 100 milhas ao sudoeste de Budapeste, a família poderia finalmente descansar e fazer um balanço da sua situação. O senhor Majid pegou um pacote de lenços umedecidos e fez uma careta quando ele olhou para os dois cortes quase paralelos na perna direita de seu filho de 4 anos de idade. O menino, Zain al-Abideen, ficou preso quando estava sendo levantado ao longo dos rolos de três camadas de arame farpado em cima do muro na fronteira. Ele ficou com dois cortes profundos. “Ele foi um herói de verdade”, seu pai disse orgulhoso enquanto ele limpava a sujeira dos machucados de seu filho. “Zain só chorou por dentro porque ele sabia que a polícia de fronteira estava por perto. Eles usam arame farpado americano”, continuou o pai. “Uma vez que o arame pega você, ele não solta mais”. O primo do senhor Majid, um jovem atlético de

21 anos que ajudou a levantar as mulheres e crianças por cima da fronteira fortificada da Hungria, disse, “Quando eu o carregava, eu pensei que minha mão estava molhada de água, mas, quando eu olhei, eu percebi que era sangue. Ele não emitiu nenhum som” (NAHIB: 2015, p.2)⁵.

Durante as longas jornadas, as crianças não estão preparadas para as condições climáticas e são vítimas de soldados, além de frequentemente se separarem de seus pais.

Reza perdeu seus pais em uma floresta na Macedônia. Ou Sérvia. Ele não se lembra. O que ele lembra é que estava chovendo: lama grossa agarrava em seus sapatos e aumentava o peso de suas pernas de 7 anos de idade. Sua família saiu do Afeganistão para o Iraque e depois para Turquia. Eles pegaram um bote de borracha para chegarem até a Grécia e foram resgatados pela Guarda Costeira antes de cruzarem por terra, a maior parte a pé, até a Alemanha. Naquela noite chuvosa, perto da fronteira entre a Macedônia e a Sérvia, Reza e sua mãe, pai e duas irmãs estavam andando em um grupo de cerca de 12 pessoas, ele ressaltou. Quando ele percebeu que sua família não estava mais atrás dele, ele se sentou em um toco de árvore e esperou. Houve uma comoção mais para baixo no caminho. Em seguida, uma sombra emergiu das árvores.

“O que você está fazendo?” um homem sussurrou em Dari. “Estou esperando pelos meus pais” Reza respondeu.

O homem era da província Heart no oeste do Afeganistão, como a família de Reza. Ele disse que a floresta estava cheia de policiais. Eles tinham prendido três ou quatro famílias a pouco. Não era seguro ficar. O menino pegou sua mão e correu.

Uma criança pequena com grandes olhos castanhos e um rosto sério, Reza chegou aqui em Passau em 29 de dezembro (de 2014). Oficiais da cidade acreditam que ele foi o mais novo refugiado até agora que conseguiu cruzar a fronteira da cidade Bavária sozinho. “Isso é a Alemanha?” Ele perguntou a um tradutor na primeira das muitas entrevistas que ajudaram a reconstruir sua história. E então: “Por favor, eu quero telefonar para a mamãe.”

Dez meses depois, sentado em sua cama bem arrumada em um lar para crianças dirigido por freiras da Igreja Católica Romana, ele reconta a história de sua jornada em alemão quase fluente, só de vez em quando checando alguma coisa em seu pequeno dicionário amarelo que agora ele carrega sempre com ele: como tinham roubado de seu bolso o

dinheiro que sua mãe lhe dera para emergências; como ele viu a polícia perseguir outras crianças; como ele finalmente fez contato com seus pais, agora de volta ao Irã, quando perdeu o contato com eles novamente no mês passado. A história de Reza é incomum por causa de sua idade. Mas ela ilumina um canto nebuloso da crise migratória na Europa. Dentre a maré humana que chega ao continente, dezenas de milhares são crianças e adolescentes que chegam sozinhos.

No ano passado (2014), mais de 23.000 menores desacompanhados pediram refúgio nos 28 países membros da União Europeia, de acordo com a ONU. Isso foi antes do aumento expressivo do número de refugiados desse ano. Até agora, estima-se que 30.000 crianças vivem na Alemanha sozinhas. Duas dúzias de perfis psicológicos dos recém-chegados, compiladas pelas autoridades e analisadas pelo *The New York Times*, revelam padrões: muitos dos novos meninos misteriosos na Europa entre 14 e 17 anos, enviado por famílias muito pobres para pagarem traficantes (coiotes) para além de apenas uma jornada de ida. Alguns perderam seus pais na guerra ou em assassinatos em suas casas. Outros, como Reza, foram separados deles durante o caos da jornada. Alguns tinham suas próprias razões para fugir: escapar de recrutamento como crianças soldados ou suicidas bomba...

Reza foi levado para seu novo lar um dia depois de sua chegada e ele está dividindo quarto com um menino alemão. Agora com 8 anos, ele frequenta um escola primária regular. Ele é um bom aluno. Os gizes de cera e o estojo de lápis estão bem organizados por cores. “Já é mais alemão do que alguns alemães”, uma cuidadora brincou. Reza fez progresso, sua cuidadora disse. Algumas vezes ele cai no sono de noite sem chorar. Era ainda melhor quando ele falava com sua mãe toda semana. Mas, no mês passado, eles perderam o contato. Reza disse que ele espera que isso signifique que ela está a caminho: “Ela disse que viria”, ele afirma. “Ela prometeu” (KATRIN: 2015)⁶.

A longa jornada tende a ser pior para as meninas se elas viajam sozinhas. Elas enfrentam mais danos, riscos e lesões do que os meninos.

Apenas cerca de 2% dos adolescentes que chegam sozinhos são meninas, mas elas geralmente são as que possuem as piores histórias de abusos.

Uma garota síria de 15 anos de idade do mesmo lar para crianças onde Reza vive teve tantas lesões internas sérias que um ginecologista diagnosticou que ela sofreu múltiplos estupros semanas atrás. Outra, Fatima, de 16 anos da Somália, contou que sofreu tal violência sexual sádica na Bulgária e na Sérvia que sua profissional da juventude na Alemanha disse que ela preferiu não incluir os detalhes no relatório da adolescente. “Nós ficamos sem palavras”, afirmou a profissional da juventude, Sandra Wagner-Putz (KATRIN: 2015)⁷.

Crianças são muito vulneráveis. No entanto, em casos raros, elas podem atuar como agentes sociais, demonstrando autodeterminação.

Apenas um punhado de menores não acompanhados chegou em Passau em 2012. Um ano depois, esse número subiu para 70 e, em 2014, havia 470. Esse ano, oficiais esperam 2000.

Os jovens refugiados são tão engenhosos quanto eles são vulneráveis. O senhor Kregl (chefe do Escritório de Bem-Estar da Juventude de Passau) contou sobre dois irmãos afegãos, de 9 e 10 anos, que chegaram no verão, descalços e de shorts dizendo que eles estavam a caminho da Suécia. Seu escritório alimentou os garotos, encontrou camas para eles em lares para crianças e contou sobre a vida na Alemanha. Mas, no dia seguinte, os meninos já tinham ido embora.

“Sua determinação não era comparada a nada que eu já tenha visto”, afirmou o senhor Kriegl. “E pessoas pensam que altas cercas e arames parados irão pará-los”. Ele riu. Então ele ficou sério novamente. “Você tem que se perguntar”, ele disse, “o que pode ter acontecido com essa criança para que ela realize essa jornada? O que tem que acontecer para os pais mandarem seus filhos em uma jornada dessas⁸ (KATRIN: 2015)?

Crianças refugiadas como trabalhadoras

Hana tinha 9 anos de idade quando ela e sua família deixaram sua casa “em Mabrouka, uma pequena cidade síria, três anos atrás, e agora vivem com sua família estendida em uma tenda improvisada em um assentamento no Vale Bekaa, no Líbano”. Vivendo em um assentamento de refugiados na zona rural do Líbano, Hana, agora com 12 anos, acorda às 4 horas da manhã. Ela trabalha nos campos próximos, colhendo frutas e vegetais, e todos começam cedo.

Ela trabalha com seus primos de 10 anos de idade, Mustafa e Ala'a. A mãe de Mustafa também trabalha. Eles esperam por um caminhão que os leva para o campo, onde eles colhem por várias horas. Muitas crianças realizam trabalhos agrícolas no Valle Bekaa para ajudar a apoiar suas famílias⁹ (SUSAN, 2015).

As recordações de Hana de sua infância em casa parecem tão longe como se ela as tivesse esquecido. Ao mesmo tempo ela lembra as suas bonecas e

os copos de cristal que a família raramente usava; os colchões adequados; o vaso sanitário. Toalhas. Armários... Uma vez eles já tiveram ar condicionado, ou um Chevette parado em frente da casa, ou infâncias que envolviam nada além de brincadeira e escola... Em Mabrouka, Hana nunca tinha que perder a escola para trabalhar – ela nunca tinha trabalhado na vida...

Há estimativas atuais que 30 milhões de crianças foram deslocadas por causa de guerras - crianças com saudades de casa, ou apavoradas demais para pensarem em casa, ou tentando esquecer suas casas e se estabelecer em algum lugar novo. Mais do que oriundas de qualquer outro país, elas vêm da Síria: desde que a guerra começou em 2011, mais de quatro milhões de sírios tiveram que deixar o país, pelo menos metade deles, acredita-se, são crianças. O que começou como um movimento de protesto, em 2013, se tornou uma guerra civil em pleno desenvolvimento...

Recentemente a violência tem se agravado com a pobreza na Síria; Líbano, Turquia e Jordânia também restringiram suas fronteiras, o que obrigou mais e mais sírios a realizarem a perigosa viagem para a Europa Ocidental. Mas a grande maioria das crianças refugiadas sírias – algo em torno de dois milhões, de acordo com as estimativas do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) – já estão assentadas nesses países vizinhos. Lá, eles suportam com suas famílias a lenta rotina de suas vidas no limbo. Na Turquia e na Jordânia, o ACNUR ou o governo local construíram amplos campos de refugiados; o Líbano não permitiu e nem construiu esses campos, por medo de criar uma população síria permanente nesse pequeno país (já há ao menos um milhão de refugiados sírios que chegaram ao Líbano, um país de quatro milhões e meio de habitantes).

Assim, as famílias vulneráveis constroem habitações improvisadas, tendas atravancadas em campos ao lado da estrada, ou atarracadas em prédios abandonados. Em cidades do Líbano, as crianças sírias mais desesperadas

vendem flores de papel e pedem esmolas nas ruas até muito tarde da noite.

Diferentemente das crianças na rota para a Europa ou das que chegam à Europa, Hana e aqueles como ela sofrem dentro desse jogo de espera. Hana parece ser sustentada por um eterno senso de esperança de que um dia eventualmente ela irá para casa para recuperar um pouco do que foi perdido, enquanto sabe, nesse meio tempo, que muito, tão cedo em sua vida, já se foi para sempre (SUSAN: 2015, p. 1).

Crianças apátridas

A Organização das Nações Unidas (ONU) lançou um relatório que estima que nasçam cerca de 70.000 crianças apátridas anualmente, “em regiões tão díspares como o Sudeste da Ásia, o Caribe e mesmo o coração da Europa. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados estima que há três milhões de crianças apátridas no mundo inteiro. Esse número exclui os palestinos, que têm sido apátridas há gerações¹⁰ (Somini; Saad, 2015).”

As consequências podem ser terríveis. Em alguns países, de acordo com conclusões do relatório da ONU, crianças apátridas não podem fazer parte de programas de imunização financiados pelos governos. Em muitos deles, elas não podem frequentar a escola – ou fazer os exames de conclusão de curso. Em outros, quando atingem a idade adulta, elas são barradas do acesso ao trabalho...

Muitas crianças sírias são apátridas por causa de leis discriminatórias, mesmo na Síria, que proíbem que as mães passem suas nacionalidades para seus filhos. Apenas os pais possuem esse direito, e, como uma em cada quatro famílias sírias, segundo a ONU, os pais estão mortos ou desaparecidos...

A guerra na Síria, agora em seu quinto ano, colocou pouca atenção nas crianças apátridas. Ao menos 142.000 crianças nasceram no exílio de pais refugiados sírios registrados nas Nações Unidas, mas é provável que os números reais sejam ainda maiores porque nem todos os sírios estão registrados (Somini; Saad: 2015, p. 2).

Uma criança apátrida não é um cidadão. Ele/ela não possui direitos. Qual é o futuro que essa criança pode ter?

Crianças refugiadas sírias: educação e saúde mental

A pesquisa realizada pelo *Migration Policy Institute* (MPI) demonstrou que a Guerra na Síria deslocou aproximadamente 12 milhões de pessoas, das quais 4,2 milhões vivem nos países vizinhos, registradas como refugiadas: 2,1 milhões na Turquia, 1,1 milhão no Líbano e 600.000 na Jordânia. Metade desses refugiados são crianças, e mais de 40% delas possuem menos de 12 anos de idade (SIRIN; ROGERS-SIRIN, 2015)¹¹.

De acordo com o estudo, “a Síria foi uma história de sucesso no Oriente Médio com aproximadamente o registro universal de crianças em escolas elementares e secundárias”. Contudo, como resultado da guerra,

A ONU estima que 51% das crianças refugiadas sírias não estavam matriculadas em escolas no ano de 2014-15. A porcentagem de crianças sírias em idade escolar matriculada é de: 20% no Líbano, 30% na Turquia, 68% na Jordânia. A taxa de matrícula varia dependendo do assentamento e do gênero: em 2013 na Turquia, 83% das crianças entre 6 e 11 anos de idade em campos de refugiados frequentavam a escola, contra 15% das que estavam fora dos campos. Meninas tinham menor possibilidade de frequentar a escola do que os meninos. Crianças refugiadas sírias eram mais passíveis de largar a escola do que seus pares (SIRIN; ROGERS-SIRIN: 2015, p, 1-32).

Os pesquisadores encontraram as seguintes barreiras à matrícula escolar:

Financeiras: Mesmo quando as escolas são gratuitas, há pequenos custos para uniformes, livros e transporte.

Língua: Na Turquia, não é permitido para as crianças frequentarem as escolas se elas não forem proficientes em turco. No Líbano, estudantes são instruídos em Francês ou Inglês e também em Árabe.

Legal: Alguns pais não conseguem demonstrar o *status* de refugiados das crianças ou sua educação anterior.

Econômica: Famílias refugiadas muitas vezes precisam que seus filhos trabalhem para conseguirem sobreviver (SIRIN; ROGERS-SIRIN: 2015, p, 1-32).

Os pesquisadores realizaram um estudo em 2012 com crianças refugiadas sírias vivendo em campos na Turquia com o objetivo de “documentar os níveis de trauma entre crianças refugiadas sírias; identificar suas necessidades de saúde mental; explorar como elas se expressam por meio de desenhos.” Os resultados da pesquisa demonstram que as crianças foram expostas a eventos estressantes e desenvolveram a Síndrome do Estresse Pós-Traumático:

79% experimentaram a morte de alguém em suas famílias. Mais de 60% experimentaram uma vida estressante, onde elas pensavam que alguém estava em grande perigo: 60% delas viram alguém vítima de chutes, de tiros e de sofrimento físico. 44% delas experimentaram 5 ou mais eventos estressantes. 19% delas experimentaram 7 ou mais eventos estressantes. Crianças em países ocidentais enfrentam uma média de 3 eventos nessa mesma escala. 45% apresentam sintomas da Síndrome do Estresse Pós-Traumático: Superior a 10 vezes mais do que outras crianças ao redor do mundo. Comparável com crianças que vivem a guerra, por exemplo, crianças refugiadas palestinas e bósnias (SIRIN; ROGERS-SIRIN: 2015, p, 1-32).

Essa pesquisa apresentou as seguintes conclusões:

Fornecer aos refugiados comida e abrigo não é o suficiente; Acesso à educação de alta qualidade, e cuidados de saúde mental são vitais. Trabalhadores em países de reassentamento podem adotar vários passos para ajudar crianças refugiadas sírias a se integrarem, incluindo: Ajudar a construir a ponte entre linguagem e lacunas de habilidades. Treinar educadores para reconhecerem sinais de trauma. Ajudar famílias refugiadas sírias a acessarem serviços de saúde mental em diferentes contextos (SIRIN; ROGERS-SIRIN: 2015, p, 1-32).

Essas propostas são excelentes, contudo, elas dependem de *recursos financeiros e vontade política*.

Conclusões preliminares

Crianças refugiadas experimentam uma vida muito difícil e perigosa. Essas crianças são muito vulneráveis e estão em alto risco porque elas vivem em países em guerra. Comparadas com as crianças brasileiras sem teto, as crianças refugiadas levam vidas desesperadoras. De acordo com minha pesquisa anterior sobre crianças brasileiras institucionalizadas, é muito difícil para elas criarem relacionamentos significativos com adultos em quem elas possam confiar¹² (Kosminsky, 1992). Crianças refugiadas que vivem em lares para crianças enfrentam os mesmos desafios relacionados à falta da família ou de relacionamento afetivo com um adulto. Quando elas se deslocam para países vizinhos ou para a Europa, elas enfrentam uma jornada muito perigosa. Elas não possuem poder de tomar decisões sobre suas vidas, exceto em casos raros. Geralmente elas seguem as decisões de adultos: pais, parentes ou amigos da família. Elas sofrem por causa da terrível mudança de vida: de uma infância

confortável provida por suas famílias para a total falta da infância e até mesmo a ausência de membros da família. Muitas crianças refugiadas não são cidadãs, por isso elas não possuem direitos. Algumas dessas crianças têm que começar a trabalhar com pouca idade. Outras, que se instalam em países estrangeiros, têm que aprender uma nova língua e novos padrões culturais de comportamento. Essas crianças poderiam recuperar suas infâncias? Essa é uma pergunta difícil, que está além da força de cada indivíduo. Elas um dia se recuperarão da violência que sofreram? Que tipo de futuro elas podem ter? Todas essas respostas dependem do acesso dessas crianças a tratamento médico e de saúde mental, à educação e a oportunidades de uma nova vida que se assemelhe com suas infâncias perdidas. Grande parte disso depende dos países poderosos que governam o mundo.

Notas

¹ Kosminsky, Ethel. 1992. *A Infância Assistida*. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil.

² Traduzido de Silverstein, Jake. (2015) "The Displaced." Introduction. *The New York Times Magazine*. November 5. P. 44-47.

³ Traduzido de Mgr. Samir Nassar, Arcebispo Meronita de Damasco. With a Broken Heart (October 2015) *Migration Update*, Center for Migration Studies, November 10, 2015. To read more, visit <http://cmsny.org/wp-content/uploads/With-a-Broken-Heart-Nassar.pdf>.

⁴ Traduzido de Bulos, Nahib (2015) "Children Sprayed at the Hungarian Border." *The New York Times*. September 03.

⁵ Traduzido de Bulos, Nahib (2015). "Sneaking Across the Border to Hungary, 4-year-old Zain 'Was a Real Hero.'" *The New York Times* September 2.

⁶ Traduzido de Bennhold, Katrin. (2015) "Migrant Children, Arriving Alone and Frightened." (Print Headline: "Young Migrants Reach Europe Alone and Afraid") *The New York Times*. October 29.

⁷ Traduzido de Bennhold, Katrin. (2015) "Migrant Children, Arriving Alone and Frightened." (Print Headline: "Young Migrants Reach Europe Alone and Afraid") *The New York Times*. October 29.

⁸ Traduzido de Bennhold, Katrin. (2015) "Migrant Children, Arriving Alone and Frightened." (Print Headline: "Young Migrants Reach Europe Alone and Afraid") *The New York Times*. October 29.

⁹ Traduzido de Dominus, Susan. (2015) "Hana Lebanon." *The New York Times Magazine. The Displaced*. November 8.

¹⁰ Sengupta, Somini and Hwaida Saad. (2015) "As Refugees Flee, Thousands of Children Have no Country to Call Home." *The New York Times*, November 6.

¹¹ Sirin, Selcuk and Lauren Rogers-Sirin. (2015) *The Educational and Mental Health Needs of Syrian Refugee Children*. Migration Policy Institute.

¹² Kosminsky, Ethel. 1992. *A Infância Assistida*. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil.

Referências

BENHOLD, Katrin. "Migrant Children, Arriving Alone and Frightened." (Print Headline: "Young Migrants Reach Europe Alone and Afraid") *The New York Times*. October/29-2015.

BULOS, Nahib. "Children Sprayed at the Hungarian Border." *The New York Times*. September/2015.

BULOS, Nahib. "Sneaking Across the Border to Hungary, 4-year-old Zain 'Was a Real Hero.'" *The New York Times*. September/2015.

DOMINUS, Susan. "Hana Lebanon." *The New York Times Magazine. The Displaced*. November/8-2015.

CENTER for MIGRATION STUDIES. Mgr. Samir Nassar, Arcebispo Meronita de Damasco. With a

Broken Heart. *Migration Update*, Center for Migration Studies. November/ 2015.

Disponível também em: <http://cmsny.org/wp-content/uploads/With-a-Broken-Heart-Nassar.pdf>

KOSMINSKY, Ethel. *A Infância Assistida*. USP: São Paulo, 1992. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo – USP.

SILVERSTEIN, Jake. “The Displaced.” Introduction. *The New York Times Magazine*. November/2015. P. 44-47.

SIRIN, Selcuk; ROGERS-SIRIN, Lauren. *The Educational and Mental Health Needs of Syrian Refugee Children*. Washington, DC: Migration Policy Institute, 2015.

SENGUPTA, Somini; SAAD, Hwaida. “As Refugees Flee, Thousands of Children Have no Country to Call Home.” *The New York Times*, November/6-2015.

Disponível também em: http://www.nytimes.com/2015/11/06/world/europe/as-refugees-flee-thousands-of-children-have-no-country-to-call-their-own.html?_r=0

RESUMO

Crianças deslocadas da Síria, Afeganistão e Irã vivem em cidades de tendas no Líbano, Jordânia e Turquia. Como o Líbano não permite a construção de extensos campos de refugiados como há na Jordânia e na Turquia, famílias sírias pobres constroem tendas ao acaso. Algumas crianças sírias vivem como deslocadas internas em seus próprios países. Outras viajam para a Europa de barco ou a pé, com a esperança de chegarem a Alemanha, Suécia, ou talvez a França ou a Grã-Bretanha. Milhares de crianças já vivem em países europeus, principalmente na Alemanha. Baseado em relatórios do *The New York Times*, do MIP (*Migration Policy Institute*) e do CMS (*Centro for Migration Studies*), eu tentarei descrever e explicar a situação dessas crianças em situação traumática. De acordo com o *Migration Update*¹³(2015), guerras causam a ruptura da vida familiar.

Palavras chaves: crianças refugiadas, conflitos, desagregação familiar

ABSTRACT

Children displaced from Syria, Afghanistan and Iraq live in tent cities, in Lebanon, Jordan and Turkey. As Lebanon did not allow the construction of sprawling refugee camps, such as in Jordan and Turkey, poor Syrian families built haphazard tents. Some Syrian children live as displaced in their own country. Others travel to Europe by boat or on foot, hoping to reach Germany, Sweden, or maybe France and Great Britain. Thousands of children already live in European countries, principally in Germany. Based on reports from the New York Times, MIP (Migration Policy International), and CMS (Center for Migration Studies), I will try to describe and explain the situation of children in this traumatic situation. According to *Migration Update* war causes the crushing of family life.

Keywords: refugee children, conflict, family breakdown